
Lugares de Memória e representação: A mulher na revista *Gran-Fina* (1940-1942)¹

Jasmine Horst dos Santos²
Níncia Cecília Borges Teixeira³
Renatha Maria Giordani⁴

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro

Resumo

O papel da mulher na sociedade muda ao longo do tempo. Suas funções, obrigações e subjetividades variam de acordo com o período histórico. Nosso trabalho propõe uma reflexão acerca das construções identitárias feminina dentro da revista *Gran-fina*, um periódico de generalidades, que circulou na cidade de Curitiba, no início da década de 1940. A mulher é constituída de diversas facetas, nos moldes propostos por Hall (2004). Assim, é interessante observar como essas diferentes identidades eram retratadas nas páginas da revista, e mesmo se tratando de um veículo midiático que não circulou por muito tempo, é possível observar que ocorreram transformações nessas identidades femininas e na forma como o discurso jornalístico discorria sobre isso. O discurso jornalístico não é entendido aqui como lugar de descrição histórica da mulher, mas sim como um local de reiteração de sentidos que possibilitam entender o contexto histórico e cultural em que a revista estava inserida e a forma como a mulher era vista na sociedade paranaense. Para tanto, utilizaremos os conceitos de Lugares de Memória de Nora (1993) e de representação de Chartier (2002).

Palavras-chave

Mulher, História, Revista *Gran-fina*.

Corpo do trabalho

“As tarefas de educar os filhos, de manter a casa em ordem e o marido feliz são, naturalmente, obrigações femininas”. (MEU BEBÊ É MINHA VIDA, 1941, p.18). Afirmções como essa eram bastante comuns em periódicos do passado. No caso da revista *Gran-Fina*, publicada na cidade de Curitiba, capital do Paraná, no início da

¹ Trabalho apresentado na DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Jornalista, Mestre em Letras pela Unicentro, com bolsa Capes. Investigadora do grupo de pesquisa Conversas Latinas em Comunicação (CLC). E-mail: jasmine_horst@hotmail.com

³ Orientadora, professora do Departamento de Letras e do Programa Mestrado em Letras (UNICENTRO) Doutora em Letras, Pós- doutora em Ciência da Literatura. Brasil. Email: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

⁴ Graduanda em Jornalismo, bolsista do Universidade Sem Fronteiras. Email: renathagiordani@hotmail.com

década de 1940, período em que a cidade passava por transformações, com sua industrialização crescente, e algumas mudanças relacionadas à Segunda Guerra Mundial, as páginas eram tomadas por discursos que insistiam em manter as funções femininas ligadas à criação dos filhos e aos cuidados com o marido e com o lar.

O momento de industrialização crescente e de êxodo rural, pelo qual a cidade de Curitiba passava no início da década de 1940, fez com que a população urbana crescesse significativamente, e acabou por dar espaços à mulher dentro do mercado de trabalho. Entretanto, essa ida ao mercado de trabalho ainda não era vista com bons olhos, principalmente dentro de uma cidade que procurava manter características interioranas, em que o perfil de família tradicional, com um pai que trabalhava para sustentar a casa, uma mãe que cuidava do lar e da criação dos filhos, e filhos que frequentavam a escola e a catequese e que desde pequenos iam se colocando nos papéis sociais a eles destinados historicamente.

O estudo de revistas antigas nos permite ter contato com diferentes discursos, que ao primeiro olhar nos parece uma realidade bastante distante do que vivemos atualmente. Entretanto, ao observarmos com mais cuidado, notamos que os julgamentos que permeiam o universo feminino apenas se atualizam, questões referentes ao comportamento da mulher, questionamentos acerca da sua presença no mercado de trabalho, da sua responsabilidade junto à convivência familiar, são temas muito atuais.

Vale lembrar que o período em que a revista circulou coincide com a Segunda Guerra Mundial. É perceptível que alguns hábitos e costumes dos moradores da cidade se modificaram devido à guerra, dos assuntos na rua, passando pela escassez de tecidos, chegando até o lazer, com os boletins da guerra exibidos nos cinemas e transmitidos via rádio. É claro, que a imprensa também não poderia fechar os olhos para o maior acontecimento histórico do século XX, que por muitas vezes, pautou as matérias veiculadas na revista. Outro assunto, que diversas vezes esteve presente nas páginas da publicação, faz referência a Era de Ouro do cinema americano. Ideais de beleza hollywoodianas eram difundidos pela *Gran-fina*, como um modelo que as mulheres de alta classe da capital paranaense deveriam seguir.

Na perspectiva da pesquisa, a revista pode ser considerada como um lugar de memória, nos moldes propostos pelo francês Pierre Nora (1993). Para ele, um lugar de memória é qualquer lugar, material ou imaterial, onde a memória de um povo se

cristaliza. Nesse sentido, enxergamos a revista *Gran-fina* como um lugar onde a memória de um povo se cristalizou, permitindo que hoje nós consigamos estudar aspectos relacionados à questão identitária feminina do início da década de 1940.

Objetivos

Nosso trabalho visa entender quais eram os papéis sociais destinados à figura feminina em três situações diferentes, assim, a análise estará pautada nas temáticas Mulher e Família, Mulher e Trabalho e Mulher e Espaços Públicos. A escolha se deu através, principalmente, das seções e colunas em que o periódico tratava da temática feminina e de matérias e reportagens aleatórias em que a mulher era citada.

Discussão Teórica

Para Chartier (2002), as representações são processos dinâmicos, que sofrem constantes mutações e variam de acordo com o interesse de determinados grupos. A teoria de representações de Chartier (2002), nasce já no contexto dos Estudos Culturais, onde se passa a aceitar que ao mesmo tempo em que uma pessoa consome cultura, ela também produz cultura. Nesse sentido, as representações seriam o momento em que o mundo do texto entra em contato com o mundo do leitor, e o efeito desse texto irá variar de acordo com o contexto social em que o leitor está inserido.

Dentro de sua teoria, Chartier (2002) define dois conceitos para a representação. No primeiro, ele afirma que a representação é uma ausência que distingue o que representa do que é representado. No segundo caso, a representação é definida por ele como a apresentação pública de uma presença. Assim, não há uma fórmula exata de leitura, pois ela sempre estará encarnada em um conjunto de práticas sociais.

Nesse caso, há uma representação da figura feminina nas páginas da revista *Gran-fina*, entretanto, não necessariamente as leitoras concordavam com a representação acerca delas no periódico. Até porque, em muitos casos, eram homens que escreviam a respeito das mulheres. Esse sentimento de não representatividade é perceptível quando algumas leitoras se opõem ao que a revista declarava.

Durante a década de 1940, as colunas e reportagens destinadas à mulher abordavam assuntos relacionados à vida da dona de casa, como o cuidado com o lar e a aparência. É difícil saber quem escrevia as reportagens da revista *Gran-fina*, pois a

maioria das páginas não trazia o nome do responsável, salvo alguns casos. A revista tinha periodicidade quinzenal, com circulação em todo o Paraná e em um pequeno território do estado de Santa Catarina. Cada exemplar tinha aproximadamente 60 páginas, onde se mesclavam páginas coloridas com preto e branco, além de seções fixas e aleatórias.

Lipovetsky (2000) traz algumas percepções a respeito da mulher em diferentes períodos histórico-culturais, traçando diferentes perfis. O primeiro é a mulher dos tempos primitivos, que exercia praticamente os mesmos trabalhos que o homem. Já o segundo diz respeito à mulher submissa, aquela que passa a apresentar uma feminilidade maior, mas que é considerada inferior ao homem. Nesta caracterização, enquadra-se a mulher da década de 1940, cuja identidade voltava-se para a posição de filha, mãe e esposa, o que era refletido pelas publicações da revista.

Nora (1993) define o conceito de “lugares de memória” que, para ele, vão desde o objeto material e concreto, ao mais abstrato e simbólico. Dessa forma, os lugares de memória são locais, que podem ser materiais ou imateriais, em que a memória de uma sociedade se cristaliza e podem exercer papel fundamental na formação da identidade de um povo.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais [...]. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. (NORA, 1993, p.13)

Em alguns momentos, a própria revista se coloca como um “lugar de memória”, mesmo talvez nem tendo a intencionalidade de fazer isso, reforçando a ideia de Nora (1993):

“Imaginamos, daqui vários anos, uma moça que encontrará um exemplar da nossa Gran-fina entre os pertences de sua avó. Os tempos serão outros, talvez os costumes tenham mudado bastante. Entretanto, com toda certeza, a sociedade ainda saberá valorizar uma moça de família, bem educada e prendada”. (GRAN-FINA, 1942, p. 18).

Através da análise de revistas do começo da década de 1940, fica claro que, de acordo com a imprensa da época, casamento era o principal anseio que rondava as moças de então. Para “arranjar um bom partido”, o sonhado príncipe encantado, a forma de se posicionar socialmente era fundamental. Para se inteirar dos “truques” dessa árdua missão, nada mais confortável do que aprendê-los através das páginas de uma revista, em que os “manuais” já estavam pronto, e, portanto, bastava coloca-los em prática. A mídia impressa da época “cobrava” um perfil que deveria ser seguido pelas mulheres, fosse no campo pessoal ou profissional.

A mulher que já trabalhava também era lembrada pelos conselhos da revista. Na coluna intitulada “*Carnét da mulher que trabalha*”, um espaço que não era assinado, as mulheres eram orientadas a como deveriam proceder para serem bem vistas por seus chefes e como manterem a casa em ordem, mesmo dedicando boa parte de seu tempo à profissão. Dicas como “Em hipótese alguma utilize-se de decotes para trabalhar” ou “Ao cruzar as pernas, tome cuidado para que não vejam o que há debaixo de suas saias”, eram comuns nessa coluna. O periódico fazia questão de lembrar que toda mulher que trabalhava ainda assim deveria se portar como uma dama, sem jamais esquecer daquilo que lhe fora ensinado, sem jamais deixar-se levar por ofertas “obscuras”, que pudessem surgir em suas profissões.

Se você tem medo de ser feia, então cuide muito dos cabelos e dos dentes. Ou, caso contrário, não arranjará nenhum bom emprego. (CARNÉT DA MULHER QUE TRABALHA, 1941, p. 22).

Prefira um vestido simples, que não dê na vista e seja elegante para trabalhar. Você não está no escritório para chamar atenção. (CARNÉT DA MULHER QUE TRABALHA, 1941, p. 15).

Uma das seções da revista que mais permitem entender quais eram as atitudes que se esperavam de uma típica mulher curitibana, era a “Meu bebê é minha vida”. Apesar do nome, ela não tratava apenas do tema maternidade, mas sim de como as mulheres deveriam se portar, de um modo geral, diante de diversos assuntos do dia-dia. Era muito comum que se falasse sobre as formas de como as filhas deveriam agir com seus pais, de como as mulheres deveriam ser com seus maridos, e, claro, de como elas deveriam se portar quando chegassem à fase da maternidade. A figura feminina era vista pelo periódico como abaixo do homem. Dessa forma, as mulheres, desde o seu nascimento, estavam condicionadas a sempre receberem ordens vindas de um homem,

primeiramente de seus pais, depois de seus esposos e, quando se tratava de uma mulher que estava ingressa no mercado de trabalho, de seus chefes. Assim, seu papel passaria de boa filha para boa esposa, boa mãe e boa empregada. É possível encontrar indícios de que haviam mulheres que fugiam desse padrão, mas, nesta seção elas eram utilizadas como um “exemplo do que não ser”, e estes perfis estavam presentes em charges e textos que criticavam essa postura decidida e independente das mulheres.

Cabe à mulher a tarefa de cuidar para que o lar seja um lugar feliz. Uma criança bem cuidada, bem alimentada e limpa, a casa em ordem e um marido bem recebido depois do trabalho, são as chaves para a felicidade do lar. (MEU BEBÊ É MINHA VIDA, 1942, p.22).

Algumas matérias traziam dicas de como a mulher deveria se portar no ambiente profissional. A maioria dos textos ainda chamava a atenção para o fato de que elas deveriam sempre agir de forma a não “mexer com a cabeça do patrão”. Isso mostra que havia muita pressão social sobre a mulher, e que a culpa por possíveis assédios seria sempre delegada à ela. Dessa forma, era comum que a revista trouxesse dicas de como se portar no meio profissional. Essas dicas iam desde a roupa que a mulher deveria usar até pedidos de que ela cuidasse para que um sorriso não fosse interpretado como sinal de segundas intenções.

Quanto ao riso, aconselho-lhe o provérbio seguinte: Quem ri por último, ri melhor. Rir o tempo todo pode passar uma imagem de mulher fácil, mas não rir também pode ser interpretado de uma maneira errada. Seja feminina e prefira sempre a moderação. (TODAS QUEREM SER BONITAS, 1941, p. 06).

Apesar da revista destinar algumas colunas e seções às mulheres, percebe-se que, de um modo geral, normalmente os textos tratavam das coisas através do ponto de vista masculino, mesmo quando as mulheres eram o tema principal da matéria ou reportagem, a situação era vista a partir do que os homens pensavam sobre o assunto.

Haviam alguns espaços dentro da *Gran-fina* que permitiam que as mulheres mandassem cartas com dúvidas de natureza geral. Essas cartas nunca eram publicadas em sua íntegra, além disso, é difícil afirmar sobre a veracidade das perguntas enviadas pelas leitoras à revista. Não há como saber se eram leitoras reais que encaminhavam as perguntas ou se a própria equipe de redação as inventava. Mesmo assim, partimos da ideia de que elas refletem, o perfil identitário da mulher no período já citado. Por trás de

cada carta respondida, é possível notar que a revista deixava um conselho ou dica de como a mulher deveria agir em diferentes situações.

Recebemos a carta de uma professora. É noiva de Davi, também professor, ele é bom, mas tem alguns defeitos que a envergonham perante os amigos, como não tirar o chapéu no elevador, não abrir a porta do carro para a noiva, não se levantar quando chega uma visita. Nosso conselho: A jovem deve parar de se preocupar com a opinião dos outros sobre o noivo. Querer um homem polido, que seja um lacaio, que a atenda em todos os desejos, pode tirar a originalidade dele. Não case com um homem para tentar mudá-lo. (NÃO CASE COM..., 1941, p. 23).

Algo perceptível ao analisar a revista diz respeito a forma como a mulher era vista pelas próprias mulheres, ou seja, a visão que elas tinham delas mesmas. Em alguns trechos das colunas já mencionadas, há pedidos de conselhos e perguntas em que as mulheres se referem a outras mulheres.

Fico em dúvida se uma mulher conseguiria manter-se fiel à moral e aos bons costumes trabalhando fora de casa. Sou mulher e acredito que nosso papel é ficar dentro de casa e trabalhar em prol da felicidade da família. Se seu marido chega em casa, depois de uma longa jornada de trabalho ele espera encontrar seu jantar preparado, um bom banho quente e o colo de sua esposa, ela não quer encontrar uma esposa também cansada, e que queira discutir problemas de trabalho. (MEU BEBÊ É MINHA VIDA, 1941, p. 34).

A forma como a leitora se refere às mulheres que trabalhavam fora vem de encontro ao que Trindade (1996) fala sobre a objeção das próprias mulheres à presença feminina nos espaços públicos:

Dessa maneira, as próprias mulheres fazem, muitas vezes, objeção à presença feminina nos espaços externos, sobretudo em se tratando dos ambientes de trabalho. A discussão dessa possibilidade, cada vez mais presente no decorrer do período, atinge pontos mais polêmicos do que as atribuições domésticas da mulher e alcança, por isso mesmo, uma gama mais variável de possíveis respostas. Há, porém, uma grande diferença na opinião pública sobre a atuação relativa ao trabalho e à participação simplesmente decorativa e benemérita da mulher na vivência social. (TRINDADE, 1996, p. 147).

Metodologia

Como método de trabalho, utilizamos a hermenêutica, ou análise de conteúdo. Visto que, o período de análise compreende todas as edições da revista disponíveis na

Biblioteca Pública do Paraná, sediada na cidade de Curitiba, capital do estado. No total, 49 exemplares, que vão de Agosto de 1940 até Julho de 1942. Também é necessário destacarmos que se tratava de uma revista quinzenal e que tinha como foco generalidades, com algumas seções e colunas voltadas à mulher.

Resultados e Discussões

Partindo das ideias de Nora (1993), que assevera que um lugar de memória é todo local onde a cultura de um povo se cristaliza, entendemos a revista *Gran-fina* como um exemplo de lugar de memória. Ao longo de toda a análise, foi inevitável pensar até que ponto a própria publicação se colocava como um local de memória, no início da década de 1940, produzindo matérias, dicas e conselhos para as mulheres.

A *Gran-fina* não era apenas uma revista jornalística e nem somente uma vitrine da sociedade curitibana, ou do que se esperava dessa sociedade curitibana. Podemos dizer que ela era uma mescla de jornalismo, com boas matérias e reportagens, e um manual de boas maneiras destinado, principalmente, às moças da cidade. Os assuntos importantes, política, economia, eram destinados ao público masculino, já as “dicas”, palavra utilizada até hoje pelos veículos de comunicação para dar conselhos relativos à forma como as mulheres devem se comportar socialmente, deixavam claro, pela linguagem, pelo título da editoria, e, principalmente pelas posições e imposições, que eram destinadas ao público feminino.

A relação feminina dentro da família sempre foi uma relação tida como santificada. As mulheres deveriam ser o espelho de Maria, mãe de Jesus, boas mães, boas esposas, pacatas, puras e religiosas. A história difundiu esse perfil, que foi considerado o correto, durante muitos anos. A revista servia como um manual de como as mulheres deveriam agir em diferentes situações familiares.

A partir do momento em que essas mulheres, por vontade própria, ou por necessidade, passam a quebrar regras e começam a conquistar seus espaços dentro do mercado de trabalho, o que se percebe é um medo geral, medo de que toda aquela imagem ordeira que, durante décadas, se construiu acerca da cidade de Curitiba se desmanchasse. Assim, é perceptível que, através dos Meios de Comunicação, se tentou manchar a índole dessas mulheres, responsabilizando-as por todo e qualquer problema de ordem familiar que ocorresse.

O espaço privado sempre foi considerado o lugar ideal para a figura feminina. Se mesmo dentro desse espaço haviam regras sociais que as mulheres deveriam seguir, nos momentos em que ela transcende essa barreira e vai para os espaços públicos, essas regras se multiplicam.

Com a imagem de ordem que, segundo Boschilia (2010) os governantes curitibanos queriam difundir acerca da cidade, a mídia da época também seguiu essa tendência. A Gran-fina vendia uma imagem de “mulher perfeita” para os padrões do período. Era primordial que os pais da menina, desde seu nascimento, a criassem seguindo uma espécie de receita, que, de acordo com a revista, resultaria em uma moça de família, uma moça para se casar, que seria uma ótima mãe futuramente.

A inclusão de atividades vistas como femininas, como cozinhar e costurar, por exemplo, deveria ser realizada desde a infância. O periódico recomendava que meninos deveriam ter uma maior proximidade com seus pais, enquanto as meninas deveriam estar sempre acompanhando as atividades de suas mães. Para a Gran-fina, dessa forma, os meninos estariam desde cedo em contato com assuntos de maior importância, aprendendo a cuidar dos negócios da família, enquanto as meninas aprenderiam o necessário para, futuramente encontrar um bom casamento e formar uma família, onde todo o ciclo se repetiria.

Nesse sentido, podemos incluir essa mulher da década de 1940, na segunda caracterização proposta por Lipovetsky (2000), em que ele se refere às mulheres submissas, que passam a apresentar uma maior feminilidade, mas que continua sendo considerada inferior ao homem. A mulher desse período, retratada pela Gran-fina, voltava-se ao lar, nas posições de filha, primeiramente, depois de esposa e, finalmente de mãe. Através dos discursos da revista, a imagem que se pretende passar é de que as mulheres nasciam com seus papéis pré-definidos, ao cumprir todas essas etapas ela seria uma mulher completa, caso contrário, não estaria cumprindo bem o papel que lhe fora designado.

Referências bibliográficas

BOSCHILIA, R. (2010). Entre fitas, bolachas e caixas de fósforos. A mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960). São Paulo: Contexto
CARNÉT DA MULHER QUE TRABALHA. Revista Gran-fina, Curitiba, n. 78, p.22, 1941

-
- CARNÉT DA MULHER QUE TRABALHA. Revista Gran-fina, Curitiba, n. 79, p.15, 1941
- CHARTIER, R (2002). À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre, RS: Ed.Universidade/UFRGS.
- HALL, S. (2004). A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A
- LIPOVETSKY, G (2000). A terceira mulher. S. Paulo: Companhia das Letras
- NORA, P. (1993) Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28.
- TRINDADE, E. (1996) Clotildes ou Marias: Mulheres de Curitiba na primeira república. Curitiba: Farol do Saber.
- MEU BEBÊ É MINHA VIDA. Revista Gran-Fina, Curitiba, n. 93, p.22, 1942.
- NÃO CASE COM UM HOMEM PARA MUDAR-LHE O TEMPERAMENTO. Revista Gran-Fina, Curitiba, n. 73, p.23, 1941.
- PASSATEMPOS INOCENTES, MAS DE FUNESTOS RESULTADOS. Revista Gran-Fina, Curitiba, n.70, p.09, 1941.
- TODAS QUEREM SER BONITAS. Revista Gran-Fina, Curitiba, n. 77, p.06, 1941.
- TODAS QUEREM SER BONITAS. Revista Gran-Fina, Curitiba, n. 78, p.11, 1941.